

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Alexandre Delgado Alves**

**Centro de Memória da Etec Cônego José Bento**

**Jacareí/SP**

**2023**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: História oral de vida e temática

Entrevistadora / Instituição: Elisiane Alves de Oliveira da Etec Cônego José Bento/Ceeteps, Jacareí/SP.

Levantamento de dados preliminares à entrevista:

Alexandre Delgado Alves, professor da Etec Cônego José Bento, ministra aulas nos cursos Técnicos em Agrimensura, Agropecuária e Meio Ambiente. Foi indicado pela professora Júlia Naomi Kanazawa para conceder entrevista ao Centro de Memória (CM) da Etec Cônego José Bento devido à sua atuação como professor do extinto curso Técnico em Florestas.

Elaboração do roteiro da entrevista: Júlia Naomi Kanazawa

Local da entrevista: Microsoft Teams (Alexandre em sua residência e Elisiane no Centro de Memória da Etec Cônego José Bento)

Data: 17 de março de 2022.

Técnico de gravação: Elisiane Alves de Oliveira pela plataforma MSTeams.

Duração: 55 minutos e 37 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Elisiane Alves de Oliveira

Número de páginas: 19

## **Sinopse da entrevista**

Alexandre Delgado Alves é engenheiro agrônomo, professor e músico. Ministrou aulas em escolas situadas nas cidades de Jacareí/SP e São José dos Campos-SP. Concluiu a educação básica em São José dos Campos-SP, a graduação em Lavras-MG, MBA à distância e o mestrado em Seropédica-RJ. Realizou o curso de complementação pedagógica no Centro Paula Souza-SP e ministra aulas na Etec Cônego José Bento em Jacareí/SP.

### **Transcrição da entrevista**

Transcritora: Elisiane Alves de Oliveira

Data de recebimento do documento de registro de entrevista: 21 de outubro de 2023

**ELISIANE ALVES DE OLIVEIRA (EAO):** Boa noite, professor Alexandre! Obrigada por estar concedendo esta entrevista neste dia 17 de março de 2022. Com certeza, o seu depoimento contribuirá para ampliar o conhecimento sobre a história da nossa escola Etec Cônego José Bento.

**EAO:** Eu gostaria que o senhor apresentasse, se apresentasse falando seu nome completo, quando e onde o senhor nasceu, nome dos seus pais, sua profissão e naturalidade dos seus pais.

**ALEXANDRE DELGADO ALVES (ADA):** Ok! Boa noite, Elisiane, professora Elisiane. Satisfação, prazer estar aqui com vocês, né? Nesse projeto aqui da Escola Agrícola. Eu sou uma pessoa que tem muita gratidão à Escola Agrícola, né? Comecei trabalhar com bastante amor, né? E afinco, né? Nessa profissão nossa, né? De professor, de instruir e colaborar também, né? Pra gente ter aí um, uma sociedade melhor, né? Com, junto com a natureza, né? Que é a nossa, nossa, nossa área da Escola Agrícola de Jacareí.

**EAO:** Uhum...

**ADA:** E, é..., agradecer também à professora Júlia, né? Que tá à frente desse projeto do Centro de Memória da Escola Agrícola, muito importante, né? Nós termos aí a nossa memória registrada, né? E como você pediu, né? Meu nome é Alexandre Delgado Alves, né? Eu sou Engenheiro Agrônomo e os meus pais, né? O meu pai era cearense, né? Nascido no Ceará, no sertão, né? Na caatinga, e o nome dele é Raimundo Alves do Reis, né? Meu avô, pai dele tinha, mexia com agricultura, né? Lá no Ceará. E o meu foi um retirante, né? Ele veio do Ceará pra São Paulo. Minha mãe, ela veio pro estado do Rio de Janeiro, uma cidade chamada Valença, ela é nascida lá. Meu avô, pai dela, também mexia com agricultura, né? E vieram aqui pra região do Vale do Paraíba, em 1945 (mil novecentos e quarenta e cinco), e meu pai acabou conhecendo minha mãe, né? E se casaram e tiveram quatro filhos e eu sou o terceiro filho desse casamento. E falando um pouco da Escola Agrícola, né? Eu, quando eu tava fazendo o meu colegial, naquela época tava iniciando, hoje fala ensino médio, eu fui estudar

na Escola Agrícola, né? E, só que nós morávamos em São José dos Campos, né? Cidade próxima aqui e a minha mãe falou: - Ah, mas você vai ter que deslocar, pegar ônibus, né? Eu era novo ainda e tal, e ela ficou um pouco preocupada, né? E eu acabei, não ingressei na Escola Agrícola, né? Mas estava com aquela coisinha na cabeça, né? Aquele sonho, dizer assim, né? E, no fim, eu, eu acabei fazendo ensino médio, né, hoje o ensino médio aqui na escola. Eu me formei no colegio..., no ensino fundamental na escola do Estado, depois eu fiz a..., a escola aqui no João Cursino, que é uma escola estadual tradicional aqui de São José dos Campos. E essa questão da agricultura sempre tava na minha, na minha, no meu pensamento, na minha vontade, né? O meu pai acabou mexendo com um pouquinho de leite aqui, né? Tinha uma chacinha, tirava um leitinho, então a gente cortava capim, vendia leite, fazia um (não compreensível)... então tinha um pouco, assim, um pequeno produtor rural. E eu acabei, é, fazendo o vestibular, né? E eu, eu ingressei na escola, na Universidade Federal de Lavras, né? E eu fiz o curso de Agronomia, Engenharia Agrônoma. Então, o curso de 5 anos, é uma escola renomada, né? Em termos nacionais, mundiais inclusive, eu tive uma boa formação. Eu me formei em 1992 (mil novecentos e noventa e dois), e eu trabalhei na escola lá como, como bolsista (né?) do CNPQ, fui estagiário também de uma empresa de energia, a gente trabalhava com agricultura e um pouco na ambiental também, né? E, logo que eu me formei, eu voltei pra São José. Falei: “E agora, né? O que é que eu vou fazer?” Eu tava na calçada no bairro de Santana e passou um amigo meu, né? Fernando, que tinha acabado de se formar na Escola Agrícola. E, da rua mesmo, ele passou, enxergou, o semáforo do outro lado da avenida e ele falou: “Alexandre, e aí? Nossa, chegando de Lavras. Ah eu tô me formando, tô indo pros Estados Unidos”. Ele foi lá de cavalo, né? Ele falou: “Vai lá na Escola Agrícola, que você pode dar aula lá, fala com o Fernando”. Na mesma hora eu peguei o ônibus e fui pra Jacareí. Cheguei lá, conheci o professor Fernando, o saudoso professor Fernando, é... Queiroz do Prado, né? E ele me recebeu lá. “Não, vamos aqui! Você vai dar aula aqui.” Então, foi interessante, né? Na escola em que eu quis estudar, no fim, eu comecei como professor, né? (risadas) Bem legal isso.

**EAO:** Quanta informação interessante e importante. O professor falou da, do..., da origem dos pais, né? Que já tinham uma relação com a agricultura, então, certamente influenciou as escolhas do professor, né? O estudo na área agrônoma. Eu gostaria de saber se o professor sempre teve a vontade de partir para essa área, né? A profissional. Ou se também teve outros sonhos, se gostaria de estudar outras profissões? E os seus irmãos? Também partiram para a mesma área?

**ADA:** Não, então, é... na verdade, eu, eu, eu quando, logo que eu comecei, assim, né? Criança ainda pra aquela fase adolescente, eu gostava muito de música, né? Então, meu pai assistia os programas ali na televisão, né? E tinha lá o Benito di Paula, o Paulinho da Viola, né? Então eu, eu gostava, né? Aí eu lembro que um primo meu lá do Ceará, inclusive ele comprou umas fitas, né? De, daquela fita, não lembro como que é, fita-cassete, né? Não lembro. Punha no toca-fita do carro, né? E tinha lá o Nilton Nascimento, a Beth Carvalho, né? Enfim... cantores brasileiros. Então aquilo lá me influenciou e eu gostava muito de cantar, né? Meu pai também tinha um amigo aqui em São José cearense e, às vezes, nós íamos na casa dele, né? Um almoço, assim, ele tocava violão e eu ficava admirado, assim, né? Então, eu também, né? Me identifiquei muito com essa área de música, né? E até chegou a passar pela minha cabeça de fazer uma faculdade de música, mas minha mãe, minha mãe que foi uma grande influenciadora minha, né? A gente era muito amigos, eu ajudava ela em casa, né? Ela dava aula, era professora, né? Do primário. Então ela tinha ali a família, os filhos, era muito corrido. Então eu acabava ajudando-a, às vezes fazer uma coisa no supermercado, comprar, adiantar um almoço, lavar a louça, né? Ela me ensinou muita, muitas, muitos afazeres, muitos ofícios, né? E ela também às vezes, me dava esses: “Ah, vai fazer agronomia mesmo, é melhor do que você fazer música.” Eu acabei indo pro lado da, da agronomia. (risadas) E, mas ela, é, a gente tem bastante saudade, né? Ela infelizmente já faleceu, mas foi uma grande influenciadora nas minhas escolhas, né? E hoje eu sou grato por isso.

**EAO:** Seu pai é vivo?

**ADA:** Meu pai também não é vivo. Eles casaram um pouco mais velhos, então, aquela geração, né? E, e você me perguntou, né Eli? Dos meus irmãos, né? Eu tenho um irmão mais velho. Ele acabou vindo para a área de vendas, né? Ele mexe com, ele gosta dessa questão do rural. Hoje ele mora numa chácara lá, ele aluga pra, pra eventos. Tenho outro irmão que montou uma empresa de limpeza aqui em São José dos Campos, né? E, infelizmente, ele veio a falecer há dois anos, né? Teve um problema de saúde. E tenho uma irmã, Andreia, que é mais nova do que eu. Ela trabalha na área de medicamentos, né? Então ela vai aos médicos e faz aquela propaganda dos remédios, né?

**EAO:** Interessante! Áreas diversificadas.

**ADA:** E eu, eu né? Eu, eu continuo gostando da música. Eu gosto de cantar, a gente já cantou junto, né, professora? (risadas) Mas é uma coisa que a gente, nos dá assim uma alegria, né? Um humor, né? E nos ajuda, né? A enfrentar a nossa vida, né? Que às vezes tem as

dificuldades, mas, muitas coisas, a gente consegue através da música, né? Essa união, essa energia.

**EAO:** E o professor já trouxe inúmeras contribuições aqui pra nossa escola, Etec Cônego José Bento, por meio da música, das datas comemorativas, não é? E sempre foi assim, professor? Desde quando o senhor ingressou na época do diretor Fernando, né? É... sempre foi assim ou descobriram seu talento musical mais tarde?

**ADA:** Não, não, sempre, sempre foi assim. Eu, eu, teve um primo meu passou aqui na, em São José, ele tava indo pro Ceará, aí eu acabei entrando no carro e fui parar lá no Ceará. Só que eu fui sem recurso, aí ele me convidou, ele falou: “Não, se você for cantar lá no microfone, lá em Fortaleza, lá, no restaurante lá, eu te dou um dinheiro”. Aí eu, eu nunca tinha cantado, assim, né? E ele queria, ele me desafiou, né? Eu fui e cantei, e ele teve que me dar o dinheiro, eu peguei o dinheiro. Eu fui aplaudido lá no restaurante em Fortaleza, né? Pela praia, praia do Futuro, acho que era o nome da praia, né? E foi muito legal, né? E, depois que eu, isso aí eu tinha questão de treze, catorze anos, né? Eu sempre fui cantando, né? E eu tenho uma relação com Jacareí, né? É... embora eu more aqui em São José dos Campos, né? Eu, foi meu primeiro emprego na Escola Agrícola de Jacareí, depois que eu me formei agrônomo. Antes eu já trabalhava, fazia, a gente chama de bico, né? Aí eu fazia jardinagem, pintava casa, né? Sempre tava..., lavava carro, ganhava um dinheirinho, né? Depois eu fui pra, pra Lavras, também tive que dá uma, né? (...) lá um pouco, a música me ajudou lá em Lavras. Mas eu também, eu cantei, né? Em Jacareí porque eu tava aqui em São José e teve um campeonato de botão, aquele jogo de futebolzinho de mesa, né? E eu fui participar em Jacareí, aí tinha uma bandinha, aquelas bandinhas de garagem, e o cantor faltou no dia, aí eu, “Se quiser eu posso cantar”, agora você que vai ser o nosso cantor. Eu já tinha uns dezesseis anos. Foi em Jacareí, né? Meu primeiro trabalho assim formal foi na Escola Agrícola em Jacareí, então a gente tem, acaba tendo uma, uma identidade, né? Um respeito grande e uma gratidão pela cidade de Jacareí, especialmente a Escola Agrícola.

**EAO:** Então, o professor está lecionando na Escola Agrícola há mais de vinte... há vinte e quantos anos?

**ADA:** É, eu me formei em Lavras, né? Em 92 (noventa e dois) no finalzinho. Só que como eu tava, trabalhava lá, eu tinha uma bolsa de pesquisa, que eu era pesquisador de iniciação científica e eu acabei me formando em dezembro de 92 (noventa e dois) e continuei mais mês

de janeiro inteiro lá, né? E aí logo eu vim pra cá, né? Dia trinta de janeiro vim pra cá, no dia seis de fevereiro eu já tava trabalhando na Escola Agrícola.

**EAO:** Nossa, então trinta anos!

**ADA:** É, de 93 (noventa e três), né?

**EAO:** 93 (noventa e três), 29 (vinte e nove), tá. (risadas)

**ADA:** Vinte e nove anos, “fazem” vinte e nove anos, e foi interessante, porque eu, eu era assim um professor relativamente novo, assim né? Então, eu tinha uma idade meio parecida com a dos alunos, os alunos eram um pouco mais novos do que eu. A turminha me respeitava, o professor e tal, né? A gente tinha uma amizade, né? E sempre, eu já peguei a turma do terceiro ano na ocasião, pra dar aula, aula de horticultura, café, banana, né? E era bem diferente o tipo de aula da escola e tinha bastante aula prática, né? E a gente fazia ali o plantio, né? Também de hortaliças, poda, adubação, compostagem, sempre um pouco, uma linha mais de agricultura orgânica, né? E, e sempre tava relacionando a música também, né? Eu cantei na formatura dos alunos. Então, a música sempre foi andando meio junto, assim, nesses vinte anos.

**EAO:** Que bacana! Professor, quando o senhor ministrava essas aulas que o professor comentou agora, essas aulas práticas técnicas, é... elas eram de qual curso? O senhor lembra o nome do curso?

**ADA:** Então, nessa ocasião, em 1993 (mil novecentos e noventa e três), na Escola Agrícola só tinha o curso de Técnico em Agropecuária. Era um curso integrado de três anos, então lá o aluno fazia. É como o Etim hoje, né? Ele fazia o ensino médio junto com o técnico. Misturava, ali, as matérias de Química com Agricultura Geral, com Pecuária, né? Reações... e a gente foi trabalhando nessa área da escola, e eu não tinha uma formação pedagógica. Eu era engenheiro agrônomo e dava aula ali, né? Junto com os colegas. Eu, o professor Fernando inclusive, né? E quando chegou em 96, se eu não me engano, né? É, tava, aqui na região do Vale, tava tendo expansão na área florestal, né? Tinha a papel Simão, a fábrica, aí em Jacareí, depois ela foi vendida pra Votorantim, tava mudando um pouco da pecuária de leite, né? Que aqui foi o maior produtor de leite do Brasil, o Vale do Paraíba, né? Porque, por ser próximo dos grandes centros, né? São Paulo, São José, Rio de Janeiro, então o leite, naquela época não tinha o leite longa-vida, então o leite estragava facilmente, então tinha que produzir leite

próximo dos grandes centros, produzir leite pasteurizado, inclusive tinha a COLAP aí em Jacareí, né? Tinha a Cooper, a Comevap – Taubaté, né? Então foram grandes produtores de leite. E com a vinda do leite longa-vida, que é um leite que não estraga, né? Começou a crise do setor de leite e, ao mesmo tempo, o eucalipto foi crescendo, né? As fábricas de papel e celulose, então, em 96, se eu não me engano, criou-se o curso de Técnico em Florestas, né? Técnico Florestal. E aquela primeira turma, um curso era à noite é... e eram três anos também, então [...] dependia do ensino médio. Então a pessoa tinha que tá fazendo ensino médio ou já ter concluído. E naquela primeira turma tivemos muitos alunos funcionários da fábrica aqui de papel e celulose, né? Alguns trabalhavam nos mudeiros lá, produção de mudas, outros trabalhavam no campo, né? Com medição de madeira. Outro trabalhava na fábrica. Então, foi uma turminha assim pioneira, vamos dizer, nesse setor do curso Técnico em Florestas ou Técnico Florestal.

**EAO:** E o professor observa uma grande diferença entre ou pequena diferença entre os alunos daquela época e de hoje, considerando que hoje nós temos tanto o Etim, que é o técnico integrado ao médio como os modulares noturnos. Quais semelhanças e quais diferenças o professor nota?

**ADA:** Então, é... naquela ocasião, na década ali de 93 (noventa e três), que eu participei, até o final, os cursos de técnico em agropecuária, a escola agrícola era uma escola, assim, de renome nacional; então nós tínhamos alunos do Paraná, de Caraguatatuba, de Piquete, de Lorena, de Cunha, São Paulo, né? Às vezes mais do interior de São Paulo, Minas Gerais, né? Então às vezes a pessoa vinha estudar desses locais na escola agrícola e até por isso tinha o alojamento. Muitos alunos, eles tinham a origem rural, então, eles eram... a idade deles era um pouquinho mais assim, né? É... hoje o aluno do Etim, ele entra ali com em torno de quinze anos, né? Na ocasião, os alunos tinham já uns dezesseis, dezessete anos, um pouquinho mais velhos, velhos entre aspas, né? Mais amadurecidos. E nessa turma do, da..., do Curso Técnico em Florestas já era uma turma já que estava no mercado de trabalho, alguns já tinham até feito o Técnico em Agropecuária na escola e estavam no mercado de trabalho e foram ali cursar, querendo voltar, né? Porque a gente nota que os alunos, eles têm muito amor assim pela escola. “Eu quero voltar pra escola, eu gosto daquela escola” né? Eles tinham um... vamos dizer, uma... queria voltar assim pra estudar novamente, fazer um curso novo ali, né? E esse curso de Florestas na ocasião foi uma oportunidade para alunos egressos de outra ocasião. Mas era uma turma mais assim, vamos dizer, mais amadurecida um pouco, né? Hoje, é... o perfil dos alunos do Etim, principalmente, são alunos mais da cidade de Jacareí, né? Tem um ou outro que mora em São José, tem algum que mora ali em Santa Branca, ele

vai e volta, não tem mais esse, essa questão do alojamento, então fica difícil pro aluno que vem de longe pra estudar aqui na Escola Agrícola de Jacareí. E, também, com a internet, né? Muita gente está estudando em outros locais, on-line, acaba sendo assim uma comunidade mais local, né? Dos alunos. Hoje, né?

**EAO:** Joia! É... o professor encontrou um livro aqui no Centro de Memória e a professora Júlia me relatou que no dia 22 de fevereiro agora, de 2022, o professor encontrou um dos livros que foi usado no curso Florestas, é... chamado Dendrologia, cujo título é Dendrologia. O senhor lembra informações sobre esse livro, se ele é um livro muito importante para o Curso, se ele era usado com muita frequência. Como era o material, os recursos didáticos na época do curso Florestas?

**ADA:** Então, nessa ocasião, professora Elisiane, a gente não tinha internet ainda, e veio o Curso Técnico em Florestas e nós não... nós, Eu, o professor Fernando, nós não éramos... nós éramos da área Agropecuária, da área de Agricultura; então, aquela questão da Floresta, eucalipto, era uma coisa meio nova pra gente, embora já tivesse o curso de Engenharia Florestal nas Universidades, mas, no quadro de professores, nós não tínhamos um professor dessa parte florestal, né? Até acabou depois com o tempo indo pra professora Maria Regina, né? Que é formada em área Florestal, né? E aí teve essas matérias, a gente pegava a grade curricular do curso, então tinha lá: Dendrologia. Daí eu: “Nossa! O que é essa tal de Dendrologia”, né? (risos) Dendrometria. Aí... “Oh, Alexandre, você vai dar essa aula aí de Dendrologia, Dendrometria”, né? E tal... Então, a gente tinha que correr atrás ali pra aprender aquele assunto pra gente poder ministrar as aulas. E, por sua vez também, nós tínhamos os alunos que tavam ali, né? Naquele início, já tavam na fábrica, então a gente acabava trocando muitas informações com os alunos, eles apoiavam, né? E... chegou um momento que nós: “Ah, nós precisamos ter uns livros aqui na biblioteca, né? De [...], da Engenharia, do Técnico Florestal”. Então, veio esse livro de Dendrologia, que é o estudo da madeira, da madeira propriamente dita ali, que você vê a dureza da madeira, os vasos, muitas coisas são base da agricultura, a botânica, é... morfologia vegetal, né? A fisiologia vegetal, só que mais focado na madeira, né? A Dendrologia. E tinha uma outra matéria também chamada Dendrometria, que é você medir a madeira, né? Então, hoje você vai numa floresta de eucalipto, por exemplo. Quanto que tem de madeira nessa floresta, né? Tinha que fazer uma estimativa aí, daí tinha toda uma metodologia pra você determinar a quantidade de madeira de uma floresta, assim como a quantidade de madeira que tem no caminhão, né? Tanto o caminhão que saía como o caminhão que chegava na fábrica. Então, a gente foi aprendendo com isso daí, né? Principalmente, é... na parte de produção. É... a partir de noventa e oito, foi criada a lei

ambiental, a lei de crimes ambientais, então as coisas começaram a ir mais pra um lado de preservação, meio ambiente, licenciamento ambiental, a nossa região teve muito, assim, desenvolvimento de pesqueiro, ah, pesque e pague, criação de peixe, né? Tanque... aí tinha que ter a licença ambiental, né? Dos órgãos, do IBAMA, da CETESB; então, pessoal, a gente foi aprendendo, né? Não é porque a gente tinha essa [...], ninguém sabia na verdade, não era só a gente, né? Mesmo a CETESB, o DAE... Departamento, eles foram aprendendo também a se integrar ali pra resolver as questões, né? Então muitas vezes a, não tinha o conhecimento ainda, mesmo fora da escola não tinha esse conhecimento, então, a gente tem uma coisa chamada conhecimento coletivo, construção do conhecimento coletivo. Então “vem aí, vamos fazer um seminário”, o próprio SEBRAE, né? Fez alguns eventos pra poder integrar, pra poder as coisas se ajustarem, né? E nós professores sempre procuramos participar, buscando informação pra poder oferecer um curso de qualidade para os nossos alunos.

**EAO:** O conhecimento foi se formando a partir da prática, das experiências, da troca de experiências, né, professor? Inclusive...

**ADA:** No curso técnico, a gente procura trazer uma vivência prática para os alunos e eu estou sempre vendo em reportagem a importância do curso técnico para a formação do jovem, né? Porque ele tem aquela vivência mais profissional, né? Então, é muito importante, né? A gente estar junto ali com o mercado de trabalho, o que acontece lá fora tentando fazer aqui, relacionando, pra tornar uma coisa bem didática e produtiva, né? No sentido de formação profissional para os alunos.

**EAO:** Então nós podemos dizer que o conhecimento foi sendo trazido pra esse curso, que na época era novo, por meio tanto das experiências aqui da nossa cidade, da nossa região, como também por meio desses materiais, os livros, que eram trazidos de universidades. Esse, por exemplo, que nós citamos, de Dendrologia, é da Universidade Federal de Viçosa, Escola Superior de Florestas, publicado em 1975 (mil novecentos e setenta e cinco). Então, ele já tinha uns vinte anos aí de... ou mais, de publicação. E, professor, hoje nós não temos mais o Curso Florestas na, na nossa escola, né? É... o professor falou sobre as questões ambientais, que a partir de 1998 (mil novecentos e noventa e oito) vieram outras leis, né? É... o senhor acredita que esse curso hoje faz muita falta na nossa região, aqui na nossa cidade, ou o curso de Meio Ambiente, que é um curso que nós oferecemos na nossa escola hoje consegue cobrir a necessidade, a demanda, né? E outra informação que eu gostaria também que o professor colocasse é... os nomes dos professores dos quais o senhor lembra. O senhor já citou alguns,

né? Se lembrar de outros, por favor. Tanto do curso de Florestas como de outros cursos da época, lá da década de 90 (noventa).

**ADA:** Isso... É, a gente tem saudade né, Elisiane? Dos nossos colegas, né? (29'36"). Então tinha lá o time de professores da Área Técnica e os professores do Núcleo Comum, então, eu lembro que , é..., tanto que a gente fazia os Conselhos de Classe, então ficava aquela turminha um do lado do outro, então era, era um ambiente que já... reunião, era aquela reunião, mas era gostoso, né? Você “tava” trocando informações com os amigos, e tal né? É... mas tinha os professores do Núcleo Comum, eu lembro né? Tinha a Irene de Português, a Ivone, professora Ivone Almeida, e da professora Dirce, professor Gilson que era contador, né? Dava aula ali na área de Matemática e outras do curso técnico também. É... tinha o professor Vicente, né? Na área de Topografia, que deu aula no Curso Técnico de Florestas também, o professor Fernando, é... eu né. Deixa eu ver quem mais. E alguns professores que entraram, ficaram pouco e acabaram saindo, e outros, até ex-alunos né? Que se formaram depois no nível superior e deram aula. Tinha um professor que dava aula de Agroindústria na época que se chamava professor Salim, ele dava aula, fazia queijo, geleia, ensinava essa parte da agroindústria.

**EAO:** E todos eles com formação técnica, certo professor? O senhor comentou isso, que ainda não havia formação pedagógica. É isso?

**ADA:** É... é, na verdade, teve, teve, é... o pessoal tinha né? O Ademir também, eles eram de Lorena; Marcos, que era de Taubaté; tinha o Tássio, que era zootecnista, também de Lorena, né? A maioria era de formação, era zootecnista, o outro era engenheiro agrônomo, né? E o professor Nunes e o professor Antônio, o professor Antônio está até hoje, eles tinham formação pedagógica, né? Do curso lá da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é Licenciatura e Ciências Agrárias, ele formou professor pra trabalhar em escola agrícola, ele e o Nunes, e, aí, o professor Fernando Prado né? Ele fez o curso, a gente chamava de Esquema, né? Que é um curso de Licenciatura pra, por exemplo, engenheiro agrônomo ter a formação pedagógica também. E eu, como eu trabalhava na escola, trabalhei no SEBRAE também 5 anos, depois trabalhei no, na SEMAR né? Eu tive comércio por dez anos em São José, então eu acabava não conseguindo fazer o curso de Licenciatura e, agora, acho que em dois e alguma coisa que eu... teve esse curso lá em Guaratinguetá, né? Pela Fatec, e eu falei: “Não, agora eu vou fazer um curso, eu quero ter esse, quero ser professor né? Com Licenciatura. Fiz em um ano, né? O curso de Licenciatura, inclusive a Carol Baccaro, que é nossa diretora atual, ela que incentivou: “Não! Vai Alexandre!”. Ela era coordenadora e me

ajudou assim, é... a gente às vezes fica muito no campo e tem um pouco de dificuldade às vezes com essa parte pedagógica né? [...] Mas a Carol me ajudou um pouquinho, eu lembro disso, eu sou até agradecido a ela e ao Fernando também, um professor companheiro, nossa! Infelizmente ele faleceu, mas eu tenho muita gratidão e sempre lembro dele com muita saudade.

**EAO:** E as duas experiências são muito importantes, né? Tanto a formação pedagógica como a experiência prática, o contato com o mercado, essas duas formações são muito importantes para o curso técnico, certo professor?

**ADA:** Isso. Parte pedagógica a gente sabia assim, a gente foi aprendendo a dar aula na prática, né? Mas, é..., eu tenho na minha família, né? Todas as minhas tias lá do Ceará foram professoras, e as minhas tias daqui irmãs da minha mãe, é daqui de São José dos Campos, elas também foram professoras, então eu tive uma influência, né? Sempre tive orgulho demais, mas eu queria seguir a minha mãe.

**EAO:** É a música e a docência no san... a música, a docência e o canto no sangue.

**ADA:** É isso aí. Isso.

**EAO:** Que bacana.

**ADA:** E... É, depois eu acabei fazendo esse curso de Licenciatura, aí falei: “Ah, vou fazer mais, vou estudar, né?” Porque eu me formei e que fiquei mais de vinte anos sem fazer nenhum curso assim de pós-graduação, eu fazia um cursinho ou outro, mas rápido, né? Mas eu acabei, aí eu fiz um curso de MBA, né? Gestão Empresarial, eu falei: “Ah, vou partir um pouco, acabei fazendo esse curso de Gestão Empresarial MBA, é..., foi pela internet, mas aprendi bastante coisa, eu gostei demais e, e eu tinha o sonho né? De fazer mestrado, desde lá de trás, lá da universidade né? Eu, na ocasião que eu me formei eu queria ter feito o mestrado e eu acabei...: “Ah, vou trabalhar um pouco, depois eu volto com essa...”. Nunca diz o mestrado. No fim, é... agora, nesses últimos anos aí, foi, foi em dois, dois mil e dezenove eu acho, né? Eu falei assim, 2018, eu falei: “Não, vou fazer o mestrado, eu quero terminar esse mestrado [...] até os meus cinquenta anos, aí eu acabei fazendo uma prova num curso lá na Universidade Federal do Rio de Janeiro, aí eu passei. “Nossa! E agora? Consegui, né? Fazer o mestrado, defendi minha dissertação, né? E graças a Deus eu realizei meu sonho,

não foi, não foi com o intuito de ter diploma, eu queria mesmo era realizar esse sonho, né? Ter o meu mestrado, né? E é lógico que ele acaba ajudando, mas eu queria realizar isso.

**EAO:** E o professor pode compartilhar o... o tema da sua dissertação?

**ADA:** Posso, sim. É... primeiro, né? A parte da Licenciatura, eu fiz o meu TCC, né? Relacionando às aulas da escola Agrícola, né? Com a parte pedagógica. A minha Licenciatura foi em Guaratinguetá. A minha pós-graduação, embora eu fiz o curso de Gestão Empresarial, eu queria sair um pouco da roça, né? Mas aí chegou uma, o meu TCC, eu voltei pra roça (risos). Aí eu fiz uma parceria com um produtor dali da região de Mogi das Cruzes pra plantação de tomate, então nós fizemos todo o custo de produção, né? Da plantação de tomate orgânico, produção orgânica, por [...] porque nós não tínhamos essa informação, né? Quanto que custa pra plantar um tomate orgânico, quanto que dá em dinheiro, por quanto foi vendido, quanto foi o lucro, então meu curso de Gestão Empresarial foi sobre a plantação de tomate orgânico. Até quando eu apresentei meu TCC, [...]: “Mas você não fez a MBA em Agronegócio?” Não, o meu é Gestão Empresarial (risos). E, e lá em, no Rio de Janeiro, né? É um mestrado profissional, um convênio com a Embrapa. E a Embrapa é a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, e lá em Seropédica, que é a cidade, é, a Embrapa lá é especializada em agricultura orgânica, então era o único lugar em que eu queria estudar, né? Eu falei: “Eu quero estudar lá nessa Universidade, na agricultura orgânica, então eu tinha que ir pra lá, foi um pouco sacrificante porque eu não deixei de trabalhar aqui, né? Eu continuei dando minhas aulas, trabalhando com consultoria, palestras, SEMAR, instituto SENAI, né? Foi, foi assim bem tenso, né? É... e aí o meu trabalho de pesquisa eu fiz também com o produtor lá em, na região de Mogi das Cruzes sobre compostagem, então nós fizemos um composto com capim e esterco de galinha, capim e esterco de codorna, composto de cogumelo, que lá em Mogi tem muita produção de cogumelo, é o maior produtor de cogumelo do Brasil, então tem [...] é... lá também tem muita criação de codorna, né? Postura, ovo, galinha, e também capim com esterco, né? E (a testemunha?) Então eu fiz um experimento lá na propriedade né, do produtor rural e..., pra avaliar qual era o adubo que tinha mais resultado né? Depois eu defendi essa dissertação lá na Universidade né? E passei os dados pra eles lá. Fizemos todas as mudanças laboratoriais e (ingredientes), parte física [...] nós usamos a alface como uma planta-teste pra testar qual que era o melhor adubo daquele composto, né?

**EAO:** Nossa! Tudo muito interessante! Parabéns, professor! É... sobre o curso de Agronegócio, o senhor chegou a ministrar aulas nesse curso ou não?

**ADA:** Cheguei a ministrar também, a gente teve um período curto, na verdade né? A palavra “agronegócio” é uma palavra nova né? Naquela ocasião e entraram alguns alunos ali, eu lembro que de Guararema, vinha o pessoal de Jacareí também, São José; foi uma turma que teve, se eu não me engano era de dia, né? E a pessoa às vezes não precisava “tá”, quer dizer, ela poderia fazer independente do ensino médio e depois só o técnico em Agronegócio. E a gente acabou, né? O professor Fernando gostava muito dessa parte de administração rural, entendia inclusive, né? Tinha muito conhecimento e ele acabou coordenando esse curso e eu também por ter trabalhado concomitantemente né? Com a escola; eu trabalhei no Sebrae, essa coisa de empreendedorismo, de montar plano de negócio, a gente acabou fazendo aqui, dando algumas aulas, né? Pra esse curso, mas o curso acabou, né? Não dando continuidade porque é um tema específico, assim como da Florestas. O Florestas era um pouco específico na área de Florestas, como Agronegócio é mais específico, né? Tanto é que continuou o curso Agropecuária como a base, né? E como você falou, as demandas de mercado mais regionais elas partiram também para a questão ambiental, pra questão ambiental, né? Porque, hoje, qualquer projeto que vai ser desenvolvido, um loteamento, uma fábrica que vai abrir, uma rodovia que vai ampliar, que vai alargar, então você precisa ter os projetos de licenciamento ambiental, né? Pra poder ter essa questão, essa questão né? Então, o curso de Meio Ambiente ele continua, né? Ele começou mais assim depois de, nessa fase aí né? E o Agropecuária, que hoje também tem uma demanda de alimentos, a gente vê quanto, com essa pandemia, agora essa questão da guerra, o dólar, o quanto subiu o alimento, né? Então, muita gente “tá” plantando, né? Pra, não só pra, pro consumo, mas às vezes tornando uma atividade profissional, né? A agricultura e a pecuária.

**EAO:** Voltando a falar só um pouquinho do Curso de Florestas, lá na década de 90 já havia coordenador de curso? E o curso acontecia de manhã e à noite?

**ADA:** Não. O curso Técnico em Florestas, ele foi, é, que eu me lembre, ele foi só à noite. (Elisiane: Só à noite.) E era para atender uma demanda profissional, então muitos alunos, né? Eles já eram adultos, eles já estavam no mercado de trabalho, então eles trabalhavam, né? De dia na fábrica ou no campo, na empresa né? Alguns alunos trabalhavam [...] da Prefeitura de Jacareí, o outro tinha empresa, né? De consultoria, prestava serviço pra fábrica na área de meio ambiente, paisagismo, né? E tinha esse pessoal da, da, da fábrica de papel e celulosa né? Da região, então os cursos eram à noite, né? Mas uma turma formada, mais adulto, né? Que já estava atuando no mercado de trabalho e eles precisavam também da formação técnica né? Com certificado e etc. Muitos fizeram esse curso, né? E acabaram também [...] aí

na área de paisagismo, né? Foi uma área que cresceu bastante e hoje tem alunos que trabalham aí com empresas de jardinagem e paisagismo pra empresa, são empresários né? Fruto daquela época. Outros seguiram outros caminhos normalmente.

**EAO:** Há algo que o professor gostaria de acrescentar, algum fato marcante que aconteceu na escola, algo que marcou sua trajetória?

**ADA:** É. Ah, eu tenho bastante gratidão à escola, eu, eu, teve um período da minha vida, por questões profissionais eu não estava conseguindo conciliar né? O horário das aulas com o horário fora da escola e eu acabei me afastando um pouco da escola, das aulas de dia e mantive sempre ali as aulas né? Aí chegou uns anos atrás, três ou quatro anos, o meu filho João Pedro [...] volta pra escola Agrícola, se dedica um pouco ali né? Mais perto de casa, aí eu, eu acabei voltando né? E foi uma coisa assim meio que, eu voltei a dar aula ali pro primeiro ano do ensino médio ali, tendo que me re... reeducar ali, dar essa aula, e hoje eu gosto de “tá” ali fazendo os projetos né? Uma coisa que me marca sempre é a lousa, né? E, às vezes, embora minhas aulas sejam muito práticas [...] muito focada na sala, é, toda vez eu, ontem mesmo eu fui dar aula, eu marco assim a data no cantinho da lousa, a gente escreve a data, então, hoje é dia dezessete né? Dezessete de março de vinte e dois, então eu lembro da primeira vez que eu dei aula aqui na escola, eu marquei né? Dia seis de fevereiro de mil, novecentos e noventa e três. Então sempre quando eu vou escrever a data na aula, eu lembro: “Nossa! Quantos anos eu estou aqui!”

**EAO:** Quantos anos, não? (risadas)

**ADA:** Uma coisa simples, mas me marca, isso aí me marca, marcou bastante e marca até hoje...

**EAO:** Quantas datas o senhor já não colocou nas lousas, hein?

**ADA:** Graças a Deus! (risadas)

**EAO:** Que bom! Para a alegria da nossa escola, professor! Com certeza! Para a alegria da nossa escola, dos alunos, dos colegas professores né? E o professor gostaria de acrescentar algo mais? Sobre qualquer curso, sobre a música ou, enfim, algo que nós nem mencionamos aqui?

**ADA:** Ah, eu gostaria né? De, de falar do nosso orgulho, da nossa alegria de ver um ex-aluno trabalhando, não só na área agrícola né? Ou pecuária, mas, que teve uma boa formação como pessoa, os valores que esses alunos têm, a gente sempre vê alguns alunos que se formaram na escola, às vezes a gente acaba dando um conselho, então são boas pessoas, pessoas, bons cidadãos né? E muitos, foram até morar fora do país, fizeram mestrado, doutorado né? Viraram empresário né? Então eu acho que isso aí é uma coisa assim bem satisfatória, que nos dá satisfação de ver, os alunos prosperarem né? E serem bons cidadãos. Isso é importante, e a gente sempre procura fazer com bastante amor, as nossas aulas né? Procurando construir o conhecimento aí né? Ajudar na parte do conhecimento, das habilidades, porque o curso técnico precisa desenvolver também aí as habilidades manuais né? E aquela coisa de proatividade. Eu estou satisfeito, tenho orgulho de dar aula na escola; às vezes o pessoal reclama, eu não gosto de ficar reclamando. “Vamos em frente, vamos cada dia, né? E... vamos fazer a nossa parte! Tem que agradecer pela nossa vida.”

**EAO:** Com certeza!

**ADA:** Nossa saúde aí e a escola Agrícola tem nome né? Tem tradição, então a gente deve manter, né? Embora tantas mudanças que tivermos na sociedade, na tecnologia, muita coisa é pronto né? Mas a gente tem algumas tradições, às vezes plantar uma verdurinha, fazer aquela coisa na enxada, fazer um compostinho, pegar ali né? Um esterco, um capim, plantar, então... porque nós, seres humanos, nós somos da natureza, então a gente não pode se afastar da natureza, isso faz parte né? E a produção de alimentos ela é, todo dia a gente precisa de alimento, de manhã, à tarde, à noite, então a gente não pode abandonar as nossas raízes, as nossas origens históricas né? Como eu falei dos meus pais, de onde eles vieram né? E a gente “tá” aí, nessa pegada ainda aí com bastante alegria graças a Deus!

**EAO:** Joia! Muito bom, professor! Bom, então eu quero agradecer pelo seu depoimento, por todas essas contribuições, o senhor discorreu aí sobre um período longo, estamos falando aí de vinte e nove anos, quase trinta, no ano quem mais motivos pra comemorar esses trinta anos, é... e aí pudemos falar então nessa entrevista sobre a influência da família, as questões afetivas, o senhor é um ótimo exemplo de como unir essa preocupação com questões ambientais, a saúde, segurança alimentar ao empreendedorismo e também à arte, a cultura por meio da música, então é um ótimo exemplo de como nós somos pessoas é... múltiplas né? E nós integramos, integramos várias áreas do conhecimento, porque nenhuma área, na verdade, trabalha sozinha né? E... agradeço ao professor por ter trazido à memória outros nomes, nomes de professores, de coordenadores, de diretores, pessoas que também

trouxeram suas contribuições, também falando sobre a importância do curso de Florestas e outros cursos também citados, aqui para a nossa cidade, para a nossa região, para a formação dos profissionais, né? Sobre a contribuição do material didático, dos livros, da internet que hoje, né? Sobre o perfil dos alunos, dos alunos da década de noventa e agora do novo século, né? O que mudou, enfim, passamos aí, discorremos por vários assuntos e, com certeza, as suas contribuições ficarão para a nossa escola e, também para outras pessoas do Centro Paula Souza, e de fora do Centro Paula Souza que puderem assistir a essa entrevista e conhecer um pouco mais sobre a educação profissional na cidade de Jacareí, no estado de São Paulo. Então eu agradeço muito, professor! Suas palavras finais?

**ADA:** Ah, eu também fiquei muito contente de poder falar com você, Elisiane, a gente acaba resgatando umas coisas que a gente nem lembrava, né? Então, a gente é... eu lembro quando eu fiquei muitos anos sem voltar aonde eu estudei em Lavras e a gente acaba perdendo né? E eu, às vezes a gente tem a sensação, né? De que a gente tem um tesouro na nossa vida, e esse tesouro "tá", ele "tá" (suspiro com lágrimas), ele "tá" guardado dentro do baú, né? E fica lá fechado, e aquele baú, ele vai criando ali a poeira, a teia de aranha, né? E fica fechado, né? E quando a gente faz uma entrevista dessa, como nós fizemos com você hoje, com o apoio da professora Júlia (Julia Naomi Kanazawa), não posso, não podemos esquecer dela, e da direção da escola, a gente pega esse baú, né? Hoje eu tive essa sensação: abri um baú e aquele tesouro reluziu, nossa! Olha só! Tem tudo isso, né? (risos)

**EAO:** Que linda metáfora!

**ADA:** É uma alegria, de lembrar os meus amigos, professores, os diretores que passaram, então a gente tem esse tesouro que, hoje, na nossa entrevista aqui ele brilhou. Obrigado e parabéns a vocês pelo projeto.

**EAO:** Obrigada, professor, mais uma vez, e que possamos continuar construindo essa linda história.

**ADA:** Maravilha. Um abraço a todos aí.

**EAO:** Um abraço. Boa noite!

**ADA:** Boa noite! Tchau, tchau.

**EAO:** Tchau.

### **Descritores**

História oral na Educação

Memórias do trabalho docente

Centro de Memória

Etec Cônego José Bento

Técnico em Florestas

Técnico em Agronegócio

Elisiane Alves de Oliveira

Alexandre Delgado Alves

Julia Naomi Kanazawa

Esquema

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SEBRAE

SENAR

Empreendedorismo

Agronomia

Zootecnia

### **Dados biográficos do entrevistado:**



**Alexandre Delgado Alves** – Nasceu, em 12 de agosto de 1967, em São José dos Campos/SP. Mestre em Agricultura Orgânica pela UFFRJ (2018); engenheiro agrônomo pela UFLA (1992) especializado em Formação Pedagógica Técnica Profissional pela Fatec (2014), com MBA em Gestão Empresarial pela UNICESUMAR (2015). Foi consultor SEBRAE-SP de

1995 a 2000, e microempresário no ramo de produção e comércio de plantas e afins no período de 1996 a 2006. É professor na Etec Cônego José Bento, Jacareí/SP, desde 1993, e instrutor no SENAR-SP, desde 1995, além de microempresário em prestações de serviços de Instrutoria e Consultoria. Atua, também, como músico profissional em produções artísticas.

#### Dados biográficos da entrevistada:



**Elisiane Alves de Oliveira** – Nasceu, em 15 de abril de 1983, em Jacareí/SP. Licenciada em Letras (Plena) pela UNIVAP. Especializada em Tópicos de Ensino da Língua Inglesa, pela UNITAU. Mestre em Ciências, área: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades/Gestão de Políticas Públicas, pela FFLCH/USP, com curso de aperfeiçoamento em Gestão de Pessoas por Competências pela FEA/USP. Capacitada em Gramática, Leitura e Culturas Juvenis pela Unicamp; também em Ensino Híbrido e Metodologias Ativas pela UNISAL (SEDIES); em Educação Especial, EaD, Programa de Aprendizagem Profissional, Legislação Acadêmica, Gerenciamento de Processos e Memórias da Educação Escolar pelo Centro Paula Souza (CPS-SP). Atuou na coordenação de área, pedagógica e de projetos, no ensino médio, técnico e tecnológico do CPS. Foi assistente administrativa, logística e comercial, professora de música, regente de coral e contadora de histórias para crianças. Operou e organizou pauta para programas de rádio hertziana e web. É professora de Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional, formadora de docentes em Educomunicação, Diretora de Serviços Acadêmicos na Fatec São José dos Campos/SP e desenvolve projetos no Centro de Memória da Etec de Jacareí/SP.

#### Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Alexandre Delgado Alves

Termo de Autorização para uso de Imagem de Alexandre Delgado Alves